

FESTA do YAKISSOBA da Casa do Estudante Nipo-brasileira de Brasília¹

Luciana Rika Ito - UnB/DF

RESUMO

A Casa do Estudante Nipo-brasileira de Brasília realiza uma vez ao ano a Festa do Yakissoba da Casa do Estudante Nipo-brasileira de Brasília, cujo objetivo é, antes de tudo, arrecadar fundos para a manutenção do espaço. Apesar do foco do campo ser a vida dos estudantes universitários atravessados por uma Casa nipo-brasileira, farei uso desta reunião para falar sobre as estruturas que compreendo como fundamentais para manutenção do espaço. O Yakissoba da Casa do Estudante Nipo-brasileira de Brasília se mostrou um evento carregado de *insights*, muito por condensar dentro de um recorte de tempo, tensões do espaço. Nesse sentido, este trabalho busca mostrar os impactos sociais e culturais que constroem um pedaço da permanência universitária de estudantes da Casa do Estudante Nipo-brasileira de Brasília.

Palavras-chave: Parentesco; Universitários; Comensalidade.

INTRODUÇÃO

“Começamos como se estivéssemos em um dia qualquer, por enquanto só estão as pessoas da Casa na cozinha. Há muitas coisas espalhadas por todos os cantos, panelas, carnes descongelando, verduras e etc. mas nada que dê a sensação de outro lugar. Começamos montando a lavanderia que se transforma no espaço dos cortes. O antigo administrador (seu Luiz) se senta em um canto com uma sacola e uma caixa, pega o que vê para descascar e começa, solitário. De máscara e silenciosamente, um senhor já idoso (parece ter lá os seus 75 anos) faz aquilo como se fizesse isso há mais anos que tenho de vida.

As pessoas que chegam passam no refeitório, os moradores descem todos pelo mesmo lugar, tios e tias aparecem de vários cantos beirando as laterais do edifício central sempre carregando coisas. Sabem que em breve seus carros ficarão expostos ao sol então buscam o refúgio das árvores atrás do refeitório. O edifício central é composto de dois espaços principais: a biblioteca e o refeitório, com janelas amplas em quase todas as direções, esse é o local com a melhor visibilidade da casa, ficando entre o alojamento e a escola modelo”. (ITO, 2024)²

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

² Tirado do relato de campo do pré-yakissoba, sábado, um dia antes da Festa do Yakissoba da Casa do Estudante Nipo-brasileira de Brasília, que ocorreu em 5 de maio de 2024.

Esses são os dois primeiros trechos do relato de campo realizado durante a Festa do Yakissoba da Casa do Estudante de 2024, um evento anual que aproveita a alta demanda de visitantes da Mostra Cultural da Escola Modelo de Língua Japonesa de Brasília para angariar fundos para a moradia dos estudantes. Junto de nós está o corpo de voluntários da Associação Cultural Nipo-brasileira de Brasília que faz toda a movimentação de aparatos e pessoas para prepararem os pratos. Os preparativos começam um dia antes, no sábado. São dois dias de trabalho e cerca de 1400 pratos vendidos, tendo o yakissoba como prato principal.

Tem sido interessante observar a interação da comunidade de estudantes com a de nipo-brasileiros de Brasília. Nascida e crescida dentro da minha comunidade em Suzano, trago muito da vivência para meu campo através de memórias afetivas com a comida (CERTEAU, 1984). A alteridade próxima é uma ação que segue sendo problematizada no campo da antropologia, é uma questão não só por estar carregada de estigmas mas também por ser desafiadora para o indivíduo-pesquisador (BOURDIEU, 1990; GEERTZ, 1973).

PRIMEIRA PARTE (situando os leitores)

A Casa do Estudante Nipo-brasileira de Brasília foi uma demanda da comunidade nipo-brasileira próxima a Brasília, pois as proximidades da Universidade de Brasília ainda estavam em processo de urbanização, não tendo locais para se morar. Sendo uma comunidade engajada no fomento à educação, não mediu esforços para fundar uma moradia para suas futuras gerações. Foi em meados da década de 1980, junto de uma quantia considerável de doações e da concessão do terreno pelo Governo do Distrito Federal de comum acordo com o Governo Japonês que a Casa do Estudante Nipo-brasileira de Brasília ganhou forma³. Hoje, com 35 anos de história, os arredores do terreno se transformaram a tal ponto que nos encontramos cercados por instituições de ensino - como o Instituto Federal de Brasília, o Centro de Ensino Médio Paulo Freire - instituições religiosas e apartamentos que não se configuram em moradias como a nossa.

As estruturas do terreno se dividem de duas formas, entre o comunal e o privado, e entre o externo e o interno. Sendo o primeiro bloco refeitório, cozinha e biblioteca e o segundo o alojamento. A parte externa são quadra, lavanderia e quintal, e a interna está no âmbito do comunal e do privado. A separação é baseada na observação

³ Retirado do livro em comemoração aos 10 anos de fundação da Casa do Estudante Nipo-brasileira de Brasília (2000).

do fluxo de pessoas e da fala delas ao se referirem a cada um desses espaços. O alojamento está levemente acima dos demais locais então é comum escutar “você vai lá para cima?” Há ainda a entrada e saída dos espaços com a pergunta “você está indo ou está vindo?” se referindo a movimentação dos moradores pelo refeitório.

Durante o evento as dinâmicas passam a se voltar para o espaço que coloco como comunal (cozinha, refeitório e biblioteca). É um grande campo de batalha, são pessoas transitando a todo momento empenhadas em entregar a comida de um lado para o outro. É incrível ver a comunidade viva, são muitas pessoas preocupadas com esse lugar. Há amigos tanto dentro quanto fora, que vieram para prestigiar o evento e para nos ajudar.

A configuração do espaço parece se encaixar com as nossas necessidades. O refeitório, antes cheio de mesas e cadeiras, agora é um grande salão, são fritadeiras e chapas ligadas na tomada ou a gás, todas em pleno funcionamento. As janelas são amplas auxiliando no contato do lado interno com o externo, o que facilita a passagem de alimentos, além de permitir que pessoas possam olhar todos muito atarefados tentando dar conta da demanda de pratos. O evento está, inesperadamente, cheio a ponto de faltar espaço para tantos convidados. A quadra que é sempre tão tranquila muda com tantas famílias, as pessoas se adaptam como podem movendo as mesas de plástico para as sombras das árvores em volta da quadra.

Daqui é possível ver todos os cantos do terreno quase que em um movimento 360 graus. O fluxo circunda o prédio e as pessoas, ao mesmo tempo que desfrutam da comida, podem observar o espaço. Para uma das entrevistadas, somos uma referência quando se trata de festas com a temática da cultura japonesa aqui no Plano Piloto, ela diz que vem desde 2016 e que gosta desse “ar intimista” do evento. Aproximar o público do trabalho de uma comunidade nos situa em meio a cidade que hoje em especial não parece nos engolir com tantas construções.

Me permitam aqui fazer uma adaptação sutil ao nome da Casa, apesar de ter sido feita por e pensada para os descendentes de japoneses, ela não é mais um lugar somente nosso portanto aqui ela aparecerá como Nipo-brasileira e não como Nipo-brasileiro pois a Casa tem essas características, não os estudantes-moradores. A Casa, como sujeito, é quem carrega os elementos da comunidade.

SEGUNDA PARTE (“Tias e tios” - relações de parentesco na cidade + comunidade)

“Onde estão as tias?” Foi a primeira coisa que pensei ao pisar na cozinha no sábado. Sem elas não há muito o que ser feito, no máximo podemos deixar organizados os espaços ou adiantar coisas simples. Faz dois anos que fui adotada pelo grupo de nipo-brasileiros de Brasília, e assim como uma criança, chamei as mulheres mais velhas de “tia”. Quem era a novata e de onde vinha, tudo isso porque estabeleci uma relação ao chamá-las assim. Noto que é importante para elas me conhecerem porque estava reproduzindo um hábito muito atrelado a comunidade nipo-brasileira e elas queriam saber de onde eu vinha.

Notei que as relações de parentesco nas comunidades nipo-brasileiras se dão de forma semelhante no que diz respeito à nomenclatura “tio”. No meu campo ela é seguida do nome de alguém, tia Júlia, tio Shigue, tio Koiti. É comum que, habituados a viver em suas bolhas nipo-brasileiras, busquem outros “tios” na cidade para onde se mudam. Aqui há uma reconfiguração do modelo de parentesco dos clássicos aplicada a um outro tipo de composição de sociedade, muito atrelada ao contexto urbano e ao deslocamento de pessoas (Schneider, 1984). O parentesco por consanguinidade ainda existe, mas os papéis sociais ainda são mais predominantes no aspecto comunidade nipo-brasileira em que a família ou o indivíduo tece relações através da identificação étnica.

As tias têm papéis diferentes aos dos tios. Mesmo que essa separação não seja estrita, são as tias que ganham o protagonismo. Não à toa, visto que tudo no evento observado gira em torno da comida. Noto que elas estão apreensivas, desde cedo a pergunta que me fazem é “você sabe quantas pessoas da Casa vão ajudar?” A impaciência em relação aos moradores me chamou a atenção. Pelo que observei a falta de voluntários-estudantes nesse evento foi uma questão de extremo desconforto. Além do mais, a cada novo ciclo elas são obrigadas a ensinar novamente desde o simples pegar de objetos como facas até o preparo dos pratos. Muito disso está atrelado a natureza passageira dos estudantes que, em alguns casos, não fazem questão de estabelecer relações maiores, a sensação que dá é que estão fazendo o favor de ajudar as tias, sendo que somos nós que estamos sendo ajudados.

Há um sintoma de desgaste nas relações uma vez que não há mais proximidade suficiente que façam tios e tias abdicarem de seu final de semana para estudantes que não são seus filhos, filhos de seus amigos ou sobrinhos. Atualmente essa relação só tem se estabelecido entre dois de quarenta moradores, e eles em breve irão se formar. Essa

reação demonstra que a Casa está aos poucos deixando de ter moradores que dêem base para a conexão das comunidades.

TERCEIRA PARTE (senso de comunidade)

“A Casa é mantida pelos estudantes através da mensalidade, porém abriga muito mais que o simples morar” é desta forma que Yasunaga san, o administrador, inicia a sua fala nas reuniões semestrais. O objetivo da reunião é apresentar as regras de convivência dos moradores, mas para mim, ela serve mais para deixar claro que a Casa tem um atravessamento, isso porque essa fala em específico é voltada para nós, descendentes de japoneses (25% da Casa) em que o conceito de comunidade continua sendo determinado pelos fenótipos e tipos como inatos⁴ (CARDOSO, 1959). Entender o significado da fala do administrador sendo que a grande maioria (cerca de 75% das pessoas) sequer é descendente mostra que isso é somente uma formalidade. Na prática, é no convívio tanto com as pessoas da Casa quanto com a forma de se fazer comunidade a partir de eventos, reuniões e no cotidiano que as trocas acontecem, ou tenderiam a acontecer.

Não há mais esse “senso de comunidade” que o administrador traz em sua fala de abertura, esses estudantes sejam nipo-brasileiros ou não vivem em meios urbanos e sofrem consequências de toda uma sociedade pós-moderna (Simmel, 1989). A começar pela configuração das cidades contemporâneas que não se sustentam mais baseadas nos preceitos de família nuclear composta de pai, mãe e filhos compartilhando o mesmo espaço, muitos passaram a se deslocar por necessidade ou em busca de uma melhora de vida (DuBois, 2023). Na Casa todos se deslocam pelos estudos, o que não envolve mover todo o seu núcleo familiar consigo. A manutenção das vagas é feita através da indicação dos antigos e atuais moradores ou de pessoas da comunidade nipo-brasileira pois há uma preocupação real na manutenção de uma certa ordem⁵. São, portanto, todos conhecidos de alguém, irmãos ou amigos. Mesmo com apelos a métodos de admissão somente por indicação, o que tem se revelado com o passar dos anos é que há um desinteresse crescente pelo trabalho comunitário.

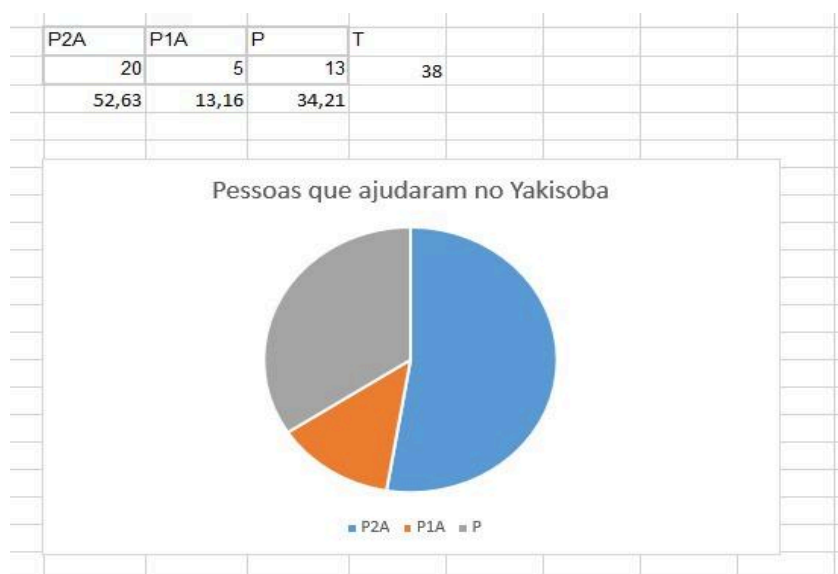
Esses estudantes precisam buscar formas alternativas de se manter em uma das capitais mais caras do Brasil, o aumento nos gastos ao morar fora de casa são bancados muitas vezes por “bicos” em bares locais, eventos de final de semana ou estágios

⁴ Crescer no meio nipo-brasileiro ou entre japoneses pressupõe uma noção da vida em coletivo.

⁵ Existe aqui uma problemática ainda em aberto a ser observada no que tange entender o termo “ordem” mas há de deixar claro que a reação é parte do imaginário da cultura nipo-brasileira, ainda mais se for pensar que parte de uma minoria modelo (PETERSEN, 1966).

durante os dias da semana. Ou seja, para poderem estar estudando, esses moradores precisam dos finais de semana, seja para estudar ou para trabalhar. “Mas é um final de semana no ano!” diz o administrador. O problema está imbricado na estrutura da sociedade, o evento só deixa em evidência o que já é observado há anos pelos pesquisadores como Simmel (1989) e Dubois (2023) sobre a segregação das vidas no meio urbano. A gentrificação dos espaços empurra cada vez mais os estudantes para longe dos centros, e esse espaço está caminhando para o mesmo fim.

Gráfico 1 - quantidade de pessoas que ajudaram ou não em porcentagem



Pesquisa de campo (2024)⁶.

Esse gráfico aponta em azul a porcentagem de pessoas que ajudaram no Yakissoba de 2024, em laranja são pessoas que costumam ajudar mas não puderam comparecer a este evento e em cinza o efetivo de pessoas que não colaboram mas que moram na Casa.

A falta de interesse dos moradores afeta também a confiança da administração. Alguns meses antes da realização do evento ocorreu a primeira reunião semestral para iniciarmos as atividades do ano e lá houve uma pressão para que o aluguel não subisse de forma abrupta, dado que aumentar 16% de uma vez seria muito duro levando em conta que são todos universitários. A administração cedeu aos pedidos que já haviam sido postergados por 3 anos por conta da pandemia, com a promessa de que haveria um engajamento maior dos moradores e isso não se concretizou.

⁶ Este gráfico faz parte dos dados coletados em campo, o Grêmio citado é um corpo de três membros da Casa que se oferecem para auxiliar a administração no contato com os moradores. Outro fato importante, no momento que escrevo esse relatório não faço mais parte como membro mas fiquei durante um ano e meio na gestão.

QUARTA PARTE (comensalidade e o sabor do yakissoba)

Para Sean⁷, um dos moradores mais velhos da Casa e que trabalha com comidas típicas da cultura, o yakissoba que fazemos aqui no Brasil, não é o mesmo que ele experienciou no Japão. Mesmo lá, existem diversas formas de se fazer, a depender da sazonalidade dos legumes e carnes encontrados em cada localidade. No Brasil não é diferente, o resultado do encontro entre as comunidades dá um sabor único a cada yakissoba.

Um dos motivos pelo qual o yakissoba é diferente está atrelado a regionalidade. Os vegetais por serem sazonais não estão disponíveis na mesma proporção ou mesmo não estão gostosos, é o caso da vagem e do salsão. Para a cultura nipo-brasileira que era composta de muitos agricultores familiares de pequeno e médio porte, era o prato ideal em virtude de fornecerem eles mesmos os insumos em prol da comunidade. Ou seja, o yakissoba da Casa Nipo é um yakissoba nikkei⁸.

O sabor, por outro lado, é quase que um patrimônio da cultura como um todo, em razão de ser o que fazemos aqui muito próximo do feito pela minha comunidade em Suzano há 1200 km de distância. A forma como ele é preparado me remete às cozinhas em que cresci, as memórias afetivas atreladas ao cheiro e ao gosto se fazem vivas nesse evento. Pode ser uma afirmação exagerada da minha parte, visto que essa é uma resposta que soma a fala de um morador e das minhas experiências como parte da cultura apresentada. Mas não duvido que o tempo⁹ tenha aos poucos condensado o sabor em um só, dando características únicas a ele a partir do intercâmbio constante entre a rede de “tias”, ainda mais pensando que Brasília é um encontro entre pessoas no coração da Capital.

CONCLUSÃO

A festa do yakissoba é uma pequena amostra da potência ao juntar dois elementos como a cultura nipo-brasileira e os universitários no mesmo espaço. Isolados, nenhum dos dois consegue mantê-lo. Conversas e trocas de sensações entre as comunidades são o que fazem da festa do yakissoba um momento importante para tentar entender o que constroi o espaço que ocupamos.

⁷ Nome fictício por escolha da pessoa.

⁸ A forma pela qual nós nos referimos a nós mesmos, descendentes de japoneses na tradução direta do alfabeto kanji “日系”, sendo mais especificamente “日系ブラジル人”.

⁹ Este ano a Migração Japonesa completa seus 116 anos desde a chegada dos primeiros passageiros do Navio Kasato Maru, no porto de Santos.

Os desafios de escrever mergulhada no campo logo se dissipam quando se é guiado pelas falas, histórias e vivências das pessoas na Casa. A Casa é um elemento fundamental na consumação da minha e de muitas outras vidas universitárias que passam por ela. Junto da comunidade nipo-brasileira somos uma intersecção entre o efêmero e a estrutura, dispostos no espaço urbano de formas distintas e ao mesmo tempo complementares. Perceber a Casa como um lugar é um exercício cheio de desafios, típicos de um campo etnográfico. E é através dela como protagonista que tenho pensado meus estudos, cada forma dela de se expressar por entre os moradores e a comunidade têm deixado uma questão na pesquisa de campo: ela parece ter vida própria, personalidade e quem sabe desejos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DA CASA DO ESTUDANTE NIPO-BRASILEIRO DE BRASÍLIA. **História Sucinta da Casa do Estudante Nipo-brasileiro de Brasília: 10º Aniversário** Brasília-DF, 2000.

BOURDIEU, P. **The Logic of Practice**. Stanford: Stanford University Press, 1990.

DU BOIS, W. E. B. (1899) **O Negro da Filadélfia: um estudo social**. Autêntica: Belo Horizonte, 2023.

CARDOSO, R. C. L. **O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses**. 101-122. *Revista De Antropologia*, 7(1-2), (1959). [O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses | Revista de Antropologia](#)

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

PETERSEN, W. **Success Story, Japanese-American Style**. *The New York Times Magazine*, New York, 9 jan. 1966. Disponível em:

[https://www.nytimes.com/1966/01/09/archives/success-story-japaneseamerican-style.ht](https://www.nytimes.com/1966/01/09/archives/success-story-japaneseamerican-style.html)

[ml](#). Acesso em: 09 jul. 2024.

ITO, L. R. **Relato de campo**. Universidade de Brasília - DF, 2024.

SCHNEIDER, D. **A Critique of the Study of Kinship**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1984.

TURNER, V. **O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1974.

SIMMEL, G. **Philosophie des Geldes**. pp. 9-20 e 591-616. (Gesamtausgabe Bd. 6) Frankfurt/M, Suhrkamp, 1989.